ESTAR EM CASA
A partir de
Adília Lopes
Dramaturgia e encenação
Ricardo Neves-Neves

DEFINITIVAMENTE AS BAHAMAS
Texto
Martin Crimp
Tradução
Isabel Lopes
Encenação
Ricardo Neves-Neves

ESTAR EM CASA

Os gatos de Adília brincam com as suas baratas. As suas baratas sobrevivem à vilania da Gata Borralheira. Tal como sobreviveram as listas de telefone. As baratas não são para comer. As listas de telefone não são para comer. As osgas são para comer, mas vivas, se queremos fazer na vida aquilo de que gostamos. Engolimos osgas. Não engolimos sapos ou príncipes. Adília brinca com as palavras, brinca com as ideias. Adília faz crochet, o crochet faz Adília e nisso se desata. E o Super Mario faz 40 anos.

"Não sei se me interessei pelo rapaz
por ele se interessar por estrelas
se me interessei por estrelas por me interessar
pelo rapaz hoje quando penso no rapaz
penso em estrelas e quando penso em estrelas
penso no rapaz como me parece
que me vou ocupar com as estrelas
até ao fim dos meus dias parece-me que
não vou deixar de me interessar pelo rapaz
até ao fim dos meus dias
nunca saberei se me interesso por estrelas
se me interesso por um rapaz que se interessa
por estrelas já não me lembro
se vi primeiro as estrelas
se vi primeiro o rapaz
se quando vi o rapaz vi as estrelas"

Adília Lopes
(1960-2024)

Datas
27 novembro 2025 –
11 janeiro 2026
quarta a sábado, 21h30
domingo, 16h

Classificação etária
M/12

Duração
70 min.

Sessões com Audiodescrição
19 e 21 de dezembro
AR Produções

A partir da obra de
Adília Lopes

Dramaturgia e encenação
Ricardo Neves-Neves

Interpretação
Sílvia Filipe

Música
Simão Bárcia

Canções
Maia Balduz e Simão Bárcia

Desenho de luz
e coordenação técnica
Cristina Piedade

Cenografia
Eric da Costa

Ilustração e vídeo
Inês Silva

Video mapping
Eduardo Cunha

Figurinos
Rafaela Mapril

Cabelos
Carlos Feio

Artes finais de cenografia
Rita Vieira

Construção de cenário
e adereços
José Pedro Sousa,
Paula Hespanha e Rita Vieira

Desenho de som e sonoplastia
Sérgio Delgado

Fotografia de cartaz
Filipe Ferreira

Design gráfico
Renato Arroyo

Design gráfico –
Teatro do Eléctrico
José Cruz

Vídeo promocional
Eduardo Breda

Assistência de encenação
José Leite

Segundo assistente
Tiago Estremores

Produção e direção de cena –
Teatro do Eléctrico
Sílvia Moura

Produção – Culturproject
Nuno Pratas

Coprodução
Teatro do Eléctrico, Cineteatro
Louletano e Culturproject

Apoio
Força de Produção

Agradecimentos
Santiago Moniz Galvão

O Teatro do Eléctrico é uma estrutura apoiada por República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes, Cineteatro Louletano / Câmara Municipal de Loulé e Câmara Municipal de Lisboa.

ESTRUTURA FINANCIADA

PRODUÇÃO

APOIOS

DEFINITIVAMENTE AS BAHAMAS

Definitivamente as Bahamas é uma peça do dramaturgo inglês Martin Crimp, escrita em 1986, para três atores de duas gerações distintas: o casal sexagenário protagonizado por Custódia Gallego e Marques d'Arede, e a estudante galega Cristina Gayoso Rey.

Um casal de reformados, Tita e Gui, casados há décadas, falam-nos na sala de estar da sua casa. O casal aluga um quarto a uma jovem estudante que, de vez em quando, cruza a cena, para pouco mais do que atender o telefone – mas cuja presença põe em causa toda a normalidade que se tenta fabricar na descrição do quotidiano.

Datas
29 novembro 2025 –
11 janeiro 2026
quarta a sábado, 19h
domingo, 20h

Classificação etária
M/12

Duração
65 min.

De Martin Crimp

Tradução
Isabel Lopes

Encenação
Ricardo Neves-Neves

Interpretação
Custódia Gallego,
Marques D'Arede
e Cristina Gayoso Rey

Desenho de luz
e coordenação técnica
Cristina Piedade

Art design
José Cruz

Fotografia de Cartaz
António Ignês

Vídeo promocional
Eduardo Breda

Caracterização e cabelos
Marco Santos

Produção e direção de cena – Teatro do Elétrico
Sílvia Moura

Produção – Culturproject
Nuno Pratas

Difusão
José Leite

Co-Produção
Culturproject, Teatro do Eléctrico
e Cineteatro Louletano

Agradecimentos
Santiago Moniz Galvão
TNSC

O Teatro do Eléctrico é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / DGArtes. pelo Cineteatro Louletano / Câmara Municipal de Loulé e pela Câmara Municipal de Lisboa.

ESTRUTURA FINANCIADA

PRODUÇÃO

APOIO

"NO TEATRO O QUE MAIS ME AGRADA É QUE SOMOS NÓS, ESPECTADORES, QUE DECIDIMOS O QUE É PARA LEVAR A SÉRIO OU NÃO"

Participaste na reabertura do Teatro Variedades em 2024 com a apresentação das peças *Entraria nesta Sala* e *The Swimming Pool Party*. Neste regresso, um ano depois, com o *Estar em Casa* e o *Definitivamente as Bahamas*, que expetativas tens relativamente à reação do público?

Acho que desta vez são espetáculos muito diferentes, tanto os do ano passado em relação aos deste ano, como os dois espetáculos novos entre si. Eu gosto muito desta ideia da mesma companhia, do mesmo encenador, do mesmo coreógrafo, do mesmo compositor, do mesmo escritor ou do mesmo dramaturgo fazerem objetos que são muito diferentes entre si. E tenho mesmo prazer, na verdade, em mudar de autores, oscilar de géneros e na vibração no espectador. Ou seja, aquilo que o espectador sente ou vê quando assiste ao *Entraria nesta Sala* não tem muita relação com o que vai ver no *Estar em Casa*, e o mesmo entre o *The Swimming Pool Party* e o *Definitivamente as Bahamas*. Acho muita graça a este tipo de dinâmica, de estrutura de companhia, em que somos capazes de fazer coisas que são diferentes umas das outras, apesar de parte das equipas se manter.

No caso deste ano, os próprios espetáculos não têm relação entre si, à exceção do facto de ambos partilharem um género "intimista". O *Definitivamente as Bahamas* passa-se numa sala de estar e por isso o público está sentado no palco como se todos estivessem justamente numa sala de estar. O *Estar em Casa* pode também ter uma relação semelhante – nós estamos neste sítio, nesta casa e, apesar do público estar na plateia, é também um espetáculo de tom íntimo, como um segredo. Mas são espetáculos diferentes entre si.

Definitivamente as Bahamas é um texto de Martin Crimp, já com algumas décadas, e é uma forma muito divertida e colorida de estabelecer uma crítica; enquanto que o *Estar em Casa* já tem outro tom, parte da obra da poeta Adília Lopes, que tanto tem zonas que são pensamentos em voz alta sobre si própria e sobre aquilo que vê, como tem zonas um pouco mais fantasiosas e quase infantis. No primeiro impacto há essa ligação com o infantil, ainda que este possa ser confundido com ingenuidade, quando acho que aquilo que Adília nos diz é de uma consciência absoluta do mundo.

***Estar em Casa*. A Adília Lopes era uma poeta que brincava com as palavras, tinha uma escrita original, com humor, ironia, era desconcertante, mas também transmitia dor e melancolia. Encontras pontos comuns com a Adília?**

Adília era extraordinária. Em primeiro lugar, tinha capacidade de síntese, mesmo os poemas curtíssimos conseguem comunicar de uma forma profunda. Eu não tenho isso. Mas, por outro lado, Adília diz "eu sou barroca" e eu também acho que sou barroco. Portanto, sim, há pontos de ligação, mas não queria comparar-me a Adília.

E foi difícil entrar no universo interior da Adília, trabalhar o seu texto e transpô-lo para o teatro pela voz da atriz Sílvia Filipe? Foi desafiante complexificar aquilo que parece simples, os pequenos objetos, a casa, as coisas triviais do quotidiano?

A dificuldade prende-se a várias coisas. Quando lemos um livro de poesia, podemos ler um poema por dia. No espetáculo a sucessão de textos e de poemas – não sendo um sarau de poesia – prende-se à ideia de encontrarmos um objeto uno e contínuo. Ou seja, foi construída uma lógica onde os vários poemas, os vários textos, as várias histórias e os vários versos escritos ao longo de décadas, têm uma ligação dramatúrgica entre si, e em que o espetáculo tem um princípio, um meio e um fim, e as cenas isoladamente têm também um princípio, um meio e um fim. Não são coisas para serem lidas uma de cada vez, ou ouvidas uma de cada vez, há uma ligação entre si. E essa foi uma dificuldade tremenda. Passar as palavras lidas a palavras ditas e gerir esses conteúdos de forma a ter um fio condutor.

Já trabalhei um monólogo há muitos anos e também um solo há menos tempo, no Teatro São Luiz, que não tinha texto, e o trabalho dos monólogos, para além de eu não ter essa experiência recorrente, é uma forma muito difícil de fazer teatro. Como é que o ator ou um texto comunica com o público, em que às vezes o público está presente, outras vezes não está, isto é, o interlocutor pode estar ou não estar, e depois como é que se gera uma estrutura do estar em cena?... é um trabalho que está a ser um quebra-cabeças. Acho que é um dos espetáculos mais difíceis que me propus fazer.

Estreias este espetáculo em Loulé, e depois vens para Lisboa.

Tal como o *Definitivamente as Bahamas*, que já foi apresentado em Loulé no ano passado e só agora vimos apresentá-lo a Lisboa. Vimos fazer uma temporada de apresentações de ambos os espetáculos. Como sabes, gosto de temporadas. É uma frustração fazer espetáculos de apresentação única, ou espetáculos que só estão em cena um fim de semana ou dois.

Sílvia Filipe e Simão Bárcia

© Estelle Valente, EGEAC – Teatro Variedades & Capitólio

É uma dor. Poder fazer o espetáculo em Loulé com quatro sessões e vinte e tal em Lisboa, no Variedades, e se ainda houver a possibilidade de circular pelo país, dá-nos um brilho, um impulso e um entusiasmo maiores. Gostava que estes espetáculos estivessem "em carteira" por mais 2 ou 3 anos.

A 30 de dezembro faz um ano da morte da Adília, e a peça está em cena no Variedades. Isto traz-te algum sentimento especial?

Acabou por ser uma coincidência. Comecei a preparar este espetáculo em 2021. Ainda chegámos, através da editora, a falar com Adília que autorizou o espetáculo e que ficou contente com a possibilidade de o fazermos. Entretanto, as coisas levam tempo entre a primeira ideia e todo o trabalho artístico, de produção e a gestão de calendários das equipas e dos teatros parceiros. Portanto, acaba por ser uma coincidência ter sido programado muito perto da sua morte e de estarmos em cena um ano depois.

Aquilo de que tenho mais pena é de Adília não poder ver o espetáculo. Não sei se viria ver, porque também sei que o seu *estar em casa* lhe era muito precioso, mas acho que aquilo em que penso mais é no facto de querer fazer este espetáculo para Adília, mesmo sabendo que não nos virá ver.

O *Definitivamente as Bahamas* finalmente chega a Lisboa. As personagens Tita e Gui, o casal sexagenário protagonizado por Custódia Gallego e Marques d'Arede, são misóginas, preconceituosas e moralistas. No meio do humor e da ironia, é para levar a sério este texto de Martin Crimp? Que questões suscita?

No teatro o que mais me agrada é que somos nós, espectadores, que decidimos o que é para levar a sério ou não. No que vemos e no que ouvimos. E poder ter a amplitude da brincadeira e ao mesmo tempo ter uma perspetiva mais profunda sobre aquilo que se diz. Mas sou eu, espectador, que decido o que faço com o que me é dito.

O que gosto mais nestas personagens, que tenho procurado em textos de outros autores, ou também quando escrevo, é a *inocência do culpado*. Estas personagens são cruéis, preconceituosas, ignorantes, obscuras e desumanas, sem fazerem ideia destas suas características. E quantas vezes é que nós ouvimos isto nos últimos tempos: "Eu não sou assim!", "Nós não somos assim!", "Eu sou de outra maneira!", "Eu tenho boas intenções"? Mas, muitas vezes, a nossa ação e aquilo que dizemos contrariam essa inocência, aquilo que nós achamos que é a nossa inocência, a nossa moral cristalina. Quantas vezes é que nós ferimos alguém sem perceber que o estamos a fazer? Isso no microcosmos do nosso dia-a-dia, porque depois há coisas muito mais amplas que têm a ver com preconceitos mais abrangentes, que têm a ver com o "nós e eles".

A par do lado nebuloso da mesquinhez e da pobreza de espírito, existe um brilho cómico. Este brilho cómico em cima destes pequenos demónios traz uma perversidade ao espetáculo. Na verdade, é essa perversidade sorrida que eu tenho procurado também noutros espetáculos. São uma espécie de vampiros, de morcegos obscuros, gente da treva..., mas colorida. Um constante desequilíbrio entre o Bem e o Mal, não por indecisão, não por dialética moral, mas por ignorância ou tacanhez. E eu acho muita, muita, graça a isso – a ver, neste contexto de ficção, o sentido de humor misturado com uma perversidade que paira por cima.

Na adaptação que fizeste, a certa altura a Tita diz "Sabe, quanto mais ouço falar da Holanda, da Galiza, menos gosto de estrangeiros". O texto foi escrito em 1986, mas é intemporal, explorando questões como o racismo, a discriminação, temas aos quais durante muito tempo considerámos estar imunes. Quão atual julgas ser a peça que levas agora a cena, neste momento da sociedade portuguesa, em que tanto se fala de imigração e em que nunca dependemos tanto dos trabalhadores imigrantes?

Em todos os espetáculos conseguimos sempre fazer ligações. Acho que falei exatamente disto quando fizemos Shakespeare, a *Noite de Reis*, no Teatro da Trindade. Nós lemos um texto com 40 ou com 400 anos, e conseguimos relacioná-los com aquilo que vivemos hoje, individualmente ou em comunidade. E o texto de Martin Crimp tem muitas ligações com o que se está a passar hoje em 2025. Comecei a estudar o texto em 2020, quando as coisas estavam ainda um pouco diferentes e se falava do Brexit, por exemplo. O texto é de um dramaturgo inglês e, portanto, o meu pensamento foi sobretudo sobre o Brexit e, de certa forma, sobre uma desintegração que estava a acontecer dentro da União Europeia. Falava-se do seu eventual fim, mas, entretanto, religou-se, apesar do Brexit ter sido de facto consumado.

Mas nós conseguimos fazer sempre ligações com o dia de hoje. A minha frase favorita do espetáculo é quando ela [Tita] está a falar da violência a propósito de uma amiga que foi passar férias a Marrocos, e diz algo do género "Claro que

© Estelle Valente, EGEAC – Teatro Variedades & Capitólio

Custódia Gallego, Marques D'Arede e Cristina Gayoso Rey

cá também há violência, mas a violência cá é muito melhor". Usar a palavra *violência* e *melhor* na mesma frase tem essa perversidade. Ou seja, é cómico, mas também é perverso achar-se que há uma violência melhor do que outra, apenas por estarmos aqui ou ali.

E as personagens dizem isto por ingenuidade e ignorância. Há muitas coisas que estão a acontecer hoje, sejam elas ditas ou decisões já tomadas, que estão a ter um grande impacto em muita gente, ou mesmo impactos mais ligeiros e superficiais, de que nem nos apercebemos, e que são também resultado da ingenuidade e da ignorância – ou da perversidade.

Numa entrevista que deste ao jornal Expresso no ano passado dizias que em 2023 tinhas escrito tanto que agora gostavas de fazer uma pausa de uns 100 anos. Já sentes vontade de escrever uma nova peça de teatro?

Não. Mais ou menos... eu gostava de – e agora vou criar uma imagem – ter um género de palhinha que espeto no cérebro, e as ideias escorrem pela palhinha e eu nem me apercebo, nem faço um esforço. Preferia que fosse assim. Mas tenho feito trabalho de dramaturgia. O trabalho que fiz agora a partir dos textos de Adília Lopes, como o espetáculo que estreámos em maio, *Jantar para Um,* com o Teatro Feiticeiro do Norte, é um trabalho de pequena escrita, mas também de muita colagem de textos. No verão escrevi o título de uma peça e uma cena dessa peça, e depois arrumei-a para me esquecer dela.

Não tenho sentido necessidade de escrever, tenho tido ideias.

E precisas de "cismar num quarto", como a Adília?

Esse é que é o problema, é que eu não gosto nada de cismar num quarto interior, como Adília. Sinto uma angústia tremenda. A ideia de me sentar numa cadeira de madeira, como Adília, e ter ideias... a questão é que ela tinha a musa, de que fala. A musa, a medusa... Eu não sei se tenho a musa. Eu tenho de puxar muito pela cabeça (provavelmente ela também tinha de puxar muito pela cabeça). Mas como também enceno, as ideias partilhadas são sempre mais fáceis, mais divertidas e mais leves. Sinto-me sempre mais leve, mais feliz e mais saudável quando estou a encenar do que quando estou a escrever naquela solidão em que estou só a trabalhar comigo, e quando tenho dúvidas não tenho para onde me virar senão para dentro. Na sala de ensaios é diferente. Mesmo que seja com um monólogo, que é o caso agora, converso com a Sílvia Filipe,

com o José Leite e conseguimos desencalhar algumas dúvidas só nesse diálogo a dois ou a três. E depois a equipa tem mais pessoas com quem tenho obviamente conversado e pensado. Quanto a escrever, é horrível [risos].

Teatro Variedades & Capitólio

Direção
Joaquim René

Adjunta de Direção
Ana Barbosa

Direção de Comunicação
Rita Rodrigues

Direção de Produção
Bruno Reis

Direção Técnica e de Cena
Filipe Silva

Adjunta de Direção Técnica e de Cena
Rita Benito Monteiro

Adjunto de Direção Técnica e de Cena
João Moreira

Comunicação
Margarida Rocha Oliveira
Mónica Martins

Produção
Tiago Antunes
Tiago Oliveira

Gestão de Bilheteiras e de Públicos
Sérgio Guimarães

Gestão de Públicos
Ana Sofia Fernandes
Joana Dias
Téo Pitella

Bilheteira
Beatriz Lopes
Sara Martins
Miguel Lopes

Camareira
Inês Oliveira

Cena
Eliana Lima
João Veloso
Madalena Venâncio
Sara Cipriano

Luz/Palco
Bento Silva
Bruno Bacanhim
Daniel Polho
Hugo Cochat
Pedro Cardoso

Som/Vídeo
André Cavalheiro
Pedro Baptista
Sérgio Rodrigues

Segurança e Manutenção
Pedro Santos

Design
V–A Studio

Fotografia
Estelle Valente e José Frade

Bilheteira
Horário: segunda a sábado
das 17h às 20h e domingo
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece aberta até 30 minutos após o seu início.

T. 210 523 631 / 210 523 632
bilheteira@teatrovariedades.pt

Como chegar
Metro: Linha Azul | Estação Avenida
Comboio: Linha Sintra e Linha Azambuja | Estação Rossio
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744, 207, 19B
Gira: Estação 304
(junto ao Cinema São Jorge)

Acessibilidade
Para mais informações sobre a acessibilidade dos espaços, por favor, contacte o Teatro Variedades:
info@teatrovariedades.pt

Contactos
Geral: T. 210 523 630
info@teatrovariedades.pt
teatrovariedades-capitolio.pt

Localização
Parque Mayer, 1250-164 Lisboa

LISBOA
CULTURA